

Capítulo I

Inglaterra, 973 d.C.

— Não é seguro aventurar-se sozinha, milady — murmurou o jovem aprendiz de escudeiro que trabalhava no estábulo.

Aflito, digladiava-sea com os arreios da sela. Certamente, o conde Godric não permitiria que uma de suas filhas saísse da fortaleza sem ao menos um guarda para protegê-la. Talvez devesse se oferecer para acompanhá-la.

Tal ideia o fez corar por inteiro. Percebia a impaciência de milady, mas, por algum motivo, não conseguia afivelar a sela ao cavalo.

— Deixe-me fazer isso — disse Gwendolyn, exasperada. Abaixou-se e rapidamente completou a tarefa. — Pronto. — Tão logo se levantou, tirou os fiapos de feno que tinham se grudado em sua calça. Em seguida encarou o rapaz com seus olhos cor de esmeralda. — Você deve ser novo aqui. Como se chama?

— Ga... Garric, milady — ele balbuciou, deslumbrado com a beleza de Gwendolyn. Não entendia por que uma dama tão bonita vestia roupas masculinas tão simples quanto as dele. Olhou para baixo a fim de evidenciar o embaraço. — É meu primeiro dia de trabalho, milady.

— Olhe para lá, Garric. — Gwendolyn ergueu o queixo trêmulo do rapaz.

Os olhos dele se arregalaram ao avistar os dois homens mais confiáveis do conde Godric. Apressavam-se em selar seus cavalos e, de quando em quando, fitavam Gwendolyn para se certificar de que ela não saísse desacompanhada do estábulo.

— Embora eu seja capaz de cuidar de mim mesma, meu pai insiste em manter esses dois guerreiros à minha sombra sempre que saio da fortaleza. — Ela então sorriu e disse baixinho: — Viu, Garric? Seus medos foram desnecessários. Mas lhe agradeço a gentil preocupação.

O rapaz corou, sentindo o coração bater acelerado. Garric jamais fora abençoado com um sorriso tão radiante! De súbito, o constrangimento extremo o fez correr do estábulo, enquanto os guerreiros riam a valer.

— Lady Gwendolyn exerce esse poder sobre todos nós. — O mais robusto sorriu para o companheiro.

— É mesmo. Como a irmã — o outro concordou.

Ambos puxaram suas montarias e seguiram Gwendolyn, que já conduzia a égua ao pátio.

Assim que se viu a céu aberto, o animal roçou o nariz aveludado em sua

dona. A égua relinchou, como se almejasse galopar. A tarde fria de outono parecia convidativa. Sem olhar para os dois guerreiros, Gwendolyn montou.

— Em breve estaremos livres, minha querida Flecha — murmurou e esporeou a égua.

Ao passar pelas muralhas que protegiam a fortaleza de seu pai, o conde Godric de Cheshire, Gwendolyn parou assim que transpôs o portão de madeira. A estrada principal à frente atravessava os campos, enriquecidos com a abundante colheita de outono. À direita havia uma pequena trilha que dava acesso ao rio pela densa floresta. Fazia dias que não cavalgava e, portanto, queria ficar sozinha. Bem, quase sozinha, pensou, ao se lembrar dos dois guardas silenciosos que a seguiam. Mais uma vez esporeou a égua, que dessa vez saiu a galope.

O sol daquele fim de tarde começava a se pôr atrás dos frondosos carvalhos. Gwendolyn inspirou o ar carregado com os aromas pungentes do outono. Adorava aquela época do ano, quando toda a paisagem cintilava em tons de amarelo, ferrugem e carmesim.

De repente, suspirou. O passeio não seria longo, pois a noite se anunciava. Olhou para trás, onde os dois homens a seguiam como sombras. Sem dúvida, eles a alcançariam para lhe dizer que era hora de voltar.

Estremeceu ao sentir o vento nórdico. Ficou grata por ter se lembrado de vestir o casaco forrado de pele quando saíra às pressas para chegar ao estábulo. Puxou as golas do casaco para proteger as orelhas. Os cachos dos cabelos claros emolduravam o rosto delicado.

Os olhos verdes de Gwendolyn escureceram quando ela se lembrou dos eventos ocorridos nos últimos meses. Tomada pelos pensamentos, obrigou-se a relaxar as mãos que apertavam as rédeas. A égua, percebendo a recente liberdade, diminuiu o passo.

Deus, por que tudo tinha de mudar?, perguntou-se. Como em resposta, uma repentina rajada de vento sacudiu as árvores. Folhas secas soltaram-se dos galhos, pousando silenciosamente no solo. Olhando as árvores que até poucas semanas antes estavam verdes e frondosas, Gwendolyn praguejou consigo mesma.

Se ao menos seu pai não tivesse feito aquele acordo com o rei Edgar, refletiu, indignada. Ainda se lembrava com extrema clareza da conversa furtiva que escutara na capela, no final da primavera, entre o sacerdote, padre Leofwine, e Grimbald, o administrador de seu pai.

Gwendolyn estava sentada no último banco do pequeno santuário, tal qual sempre fizera quando queria meditar, quando os dois entraram pela porta lateral. Aparentemente, não a tinham visto, pois nem se incomodaram em baixar o tom de voz. Ela escutara, incrédula, a conversa.

— Então, Grimbald, é verdade que um casamento foi arranjado? — perguntou

o padre Leofwine.

— É, santo padre, mas a notícia ainda é segredo — respondeu Grimbald. — Lady Anora não sabe de nada.

— Uma notícia que não continuará secreta por muito tempo. As paredes têm ouvidos — o padre proferiu. — Por que o segredo? Por acaso, ela se casará com um ogro?

— Ele é um príncipe dinamarquês, padre, e um dos homens mais poderosos da Dinamarca! O próprio rei Edgar propôs a união como uma recompensa pelo recente acordo de aliança entre Dinamarca e Inglaterra.

O padre mascarou sua surpresa e assentiu, solene.

— Então, nosso rei busca uma aliança com a Dinamarca — murmurou, coçando o queixo. — Talvez esse casamento faça parte de um objetivo maior, um plano que possa cessar de vez a matança e o ódio entre os dois povos, uma união como almeja o rei Edgar... — A voz ficou abafada, o que obrigou Gwendolyn a se levantar para ouvir as próximas palavras. — E o conde Godric concordou com isso?

— Sim, padre, mas não sem ressalvas. Sabe tão bem quanto eu que Anora lhe é muito cara. O conde não está convencido de que o casamento seja o melhor para ela. — Grimbald parou para tomar fôlego. — O rei também mencionou lady Gwendolyn. Mas o conde Godric insistiu que a filha mais velha, Anora, deveria ser a primeira a se casar.

Suspirando, o padre Leofwine meneou a cabeça.

— É uma pena que aquela menina deva ser um brinquedo nas mãos do rei, mesmo que seja por uma causa nobre. Talvez ela aceite a proposta por livre vontade. — O padre, de repente, teve um acesso de tosse. — Agora vá, Grimbald. Estou cansado dessa intriga.

Gwendolyn observou o padre dispensar o administrador, antes de se voltar para o altar. Então, subitamente, Leofwine se virou para agarrar a manga de Grimbald.

— Espere! Mais uma pergunta. Qual é o nome desse poderoso príncipe da Dinamarca?

— Wulfgar Ragnarson, santo padre.

Gwendolyn nem sequer notou que suas mãos puxavam as rédeas até a égua relinchar e sacudir a cabeça em protesto.

— Perdoe-me, Flecha — ela murmurou, afagando o pescoço do animal. Apesar do tormento interno que vivia, sua voz soou calma.

Ele era um dinamarquês, um inimigo do povo deles, Gwendolyn pensou, furiosa. Como seu pai pudera aceitar tal proposta?

Mas já sabia a razão. Um brinquedo nas mãos do rei... uma recompensa... As

palavras ecoavam em sua mente sem cessar. Depois daquele dia na capela, soubera que sua vida nunca mais seria a mesma. A triste realização de que ela e Anora estavam à mercê dos caprichos do rei, tendo seus destinos tão facilmente determinados por outros, revolvera as profundezas de seu ser.

E agora, não apenas o pai a traíra, como também Anora. Gwendolyn enraivecira-se em silêncio. Mas embora à irmã fosse dado o direito de recusar o tal Wulfgar Ragnarson, ela se apaixonara pelo bárbaro e concordara em desposá-lo! Como Anora pudera se submeter a isso?

Gwendolyn balançou a cabeça, inconformada.

Tinha de admitir, porém, que não era apenas a anuência de Anora que a aborrecia. Havia algo mais, um detalhe mais doloroso. Calada, observara a irmã sofrer uma misteriosa transformação durante os meses de verão. Ela e Anora eram inseparáveis, partilhavam risos e lágrimas, sonhos secretos e esperanças. Mas agora Gwendolyn sentia-se só. Desde o primeiro encontro, Wulfgar e Anora pareceram entrar em um mundo no qual somente os dois podiam viver. Sim, talvez fosse isso que mais a magoava.

Fechou os olhos, angustiada. Não queria pensar no casamento, em Wulfgar Ragnarson ou Anora! Mas de súbito, um estranho pensamento a abateu. Soltou uma risada nervosa. Não fosse por um acidente ao nascer, o *seu* destino teria sido decidido pelo rei. Imaginou se seu próprio noivado já não fora arranjado para acontecer após o casamento de Anora, que ocorreria em três dias. A ideia de se sujeitar a qualquer homem a enojava. Ora, sabia cavalgar e manusear uma arma tão bem quanto qualquer guerreiro de seu pai!

— Um brinquedo do rei! Não desposarei homem nenhum, a menos que eu assim decida!

Rebelde, esporeou a égua e olhou para trás. Mal podia enxergar os dois homens entre as árvores. Eles galopavam, mas Gwendolyn tinha a vantagem da distância, enquanto aticava a égua.

Ao espiar uma trilha que se afastava do rio, ela enveredou pela lateral da colina. Escondeu-se atrás de um aglomerado de galhos baixos e, ofegante, observou os dois soldados passar como raios por ela. Confiante de que os ludibriara, saiu do esconderijo e, mais uma vez, esporeou a égua.

— Corra, Flecha, corra!

Gwendolyn riu a valer. Galopou pela floresta com selvagem abandono, esquecendo, por ora, os pensamentos dolorosos. O ar fresco reanimava seus sentidos. Sim, fazia muito tempo que não se sentia tão livre e solta!

Capítulo II

As brumas do anoitecer se dissipavam diante dos cascos velozes da égua. Ao comando de Gwendolyn, o animal mergulhou na floresta, desviando-se das árvores enegrecidas que as rodeavam. O estrondo de um trovão reverberou à distância, assustando a égua temperamental. Ela empinou, assustada, quase derrubando sua dona da sela.

— Calma, Flecha!

Gwendolyn puxou a rédea. Outro estrondo sacudiu a floresta silenciosa, espantando um bando de pássaros pretos. Ao escutar os gritos roucos das aves, ela olhou para o céu. Não havia notado a tempestade que se aproximava. Cavalgara durante horas e sabia que já deveria ter retornado à fortaleza.

Olhou para trás, mas não conseguiu reconhecer nenhum ponto familiar sob a escuridão.

E agora?, pensou. Nunca se afastara tanto de casa e duvidava ainda estar nas terras de seu pai.

Contendo a apreensão, Gwendolyn resolveu prosseguir em direção ao rio. Certamente encontraria uma trilha familiar que a levaria de volta à fortaleza.

Sob a forte tempestade, ela percorreu a floresta até, finalmente, aproximar-se do rio. Trêmula, sentia o frio lhe congelar os ossos. A chuva gelada parecia penetrar em seu corpo através das roupas encharcadas. Aflita, procurou sinais de uma trilha, mas não havia nenhuma. Guiou a égua até os arbustos que seguravam os bancos barrentos do rio.

De repente, um raio atravessou o céu cinzento e atingiu um velho carvalho à frente. Chamas alaranjadas emergiram do solo, como se saíssem das profundezas do inferno. Apavorada, a égua sacudiu no ar as patas dianteiras. Quando outro raio rasgou o céu, Gwendolyn avistou a forte corredeira do rio.

Seu rosto se contorceu de terror diante daquela aparição repentina. Uma criatura demoníaca, semelhante a um dragão, flutuou sobre as águas tortuosas, fitando-a com olhos brilhantes. No momento seguinte, o ser desapareceu, como que por encanto.

— Santa mãe de Deus, proteja-me! — Gwendolyn gritou, em pânico.

Chorando, agarrou-se à crina da égua. Sentiu que escorregava da sela, como se algo maligno a puxasse para a assustadora tempestade da escuridão.

O som de cascos de cavalos a encheu de alívio, reavivando seus sentidos. Espiando por entre as árvores, ela reconheceu os dois guerreiros quando se aproximaram.

— Lady Gwendolyn, está tudo bem? — um deles perguntou, preocupado.

Como ela não respondesse, o homem notou a palidez de seu rosto e os olhos arregalados de espanto.

Ágil, ele a puxou para sua sela e a cobriu com seu manto de lã. Embora estivesse molhado, o tecido a protegeria da chuva fria. Praguejando, sabia que pagaria caro por aquela pequena aventura.

Lady Gwendolyn era conhecida por suas travessuras, mas dessa vez fora longe demais. Acenando para que o companheiro puxasse as rédeas da égua, ele esporeou sua montaria e voltou a galope para a fortaleza.

Abrigada sob o pesado manto, Gwendolyn sentiu o calor retornar ao corpo dolorido. Os braços musculosos do guerreiro a seguravam. Tentou dispersar a lembrança daquela imagem aterrorizante de sua mente. Não poderia contar a ninguém, ou pensariam que ela era louca. Porém, em seu coração, sabia que a visão tinha sido real, embora não pudesse explicá-la.

Tão logo chegaram aos portões da fortaleza, os dois homens esperaram, impacientes, que as pesadas portas se abrissem. Tochas iluminavam a noite, enquanto gritos anunciavam a chegada dos três.

Gwendolyn foi retirada da sela por outro guerreiro. Ele então a carregou pelo pátio até o salão nobre. A luminosidade ofuscava sua vista, mas ela enxergou os rostos ansiosos daqueles se reuniam a seu redor. Seus olhos se fixaram na figura de sua mãe, que se precipitava até ela.

— Rápido, temos de aquecê-la agora mesmo — ordenou lady Bronwen.

Ela acenou para que o guerreiro a seguisse e chamou também uma aia. Com uma vela na mão, guiou o caminho em direção ao quarto de Gwendolyn.

— Deite-a na cama — instruiu.

Assim que obedeceu à ordem, o guerreiro se afastou para o lado, sem saber o que fazer. Arregalou os olhos quando lady Bronwen começou a despir a filha, que tremia de frio. Ela o encarou e sorriu.

— Pode ir agora.

— Sim, milady — ele assentiu, ruborizado, e se foi.

— Vá à cozinha buscar ervas e um caldo de carne — lady Bronwen pediu à jovem criada.

Tão logo a moça saiu às pressas, ela ajudou Gwendolyn a deitar-se e gentilmente cobriu a filha com cobertas quentes. Então olhou-a com extremo carinho.

Comovida com a ternura da mãe, Gwendolyn sentiu as lágrimas rolar pelo rosto.

— Mamãe, eu... — ela começou, sem saber ao certo o que dizer.

— Podemos conversar mais tarde, querida.

Lady Bronwen se afastou e acendeu várias lamparinas. O farfalhar da túnica de linho era o único som no silêncio do quarto.

— Aqui estão as ervas e o caldo de carne, milady — a criada sussurrou ao entrar no cômodo.

Lady Bronwen agradeceu e colocou as tigelas em uma pequena mesa ao lado da cama.

— Vá procurar Leah. Preciso dela aqui — pediu em seguida.

— Sim, milady. — A aia, ávida para agradecer sua senhora, saiu mais uma vez apressada.

Depois de despejar um punhado de ervas no caldo, lady Bronwen o ofereceu à filha.

— Beba devagar, querida.

Gwendolyn pegou a tigela de caldo e o provou. Após vários goles, sentiu uma onda de calor invadi-la, cessando os espasmos que sacudiam seu corpo esguio. Um torpor repentino a dominou. Entregou a tigela à mãe e se acomodou na cama. Aos poucos, mergulhou em um sono reconfortante.

Pensativa, lady Bronwen fitou a filha adormecida. Como uma jovem de aparência tão angelical podia causar tantos problemas? De fato, as feições de Gwendolyn assemelhavam-se a uma beleza quase irreal. O nariz era pequeno e reto, as maçãs do rosto altas e graciosas. Os lábios carnudos e rosados formavam o mais belo sorriso, e os olhos cor de esmeralda, agora fechados, eram emoldurados por cílios escuros que tocavam delicadamente a pele cremosa do rosto.

Mas toda aquela singela beleza abrigava um temperamento teimoso e rebelde.

Lady Bronwen suspirou, enquanto acariciava os cabelos cacheados da filha. Lembrou-se então das inúmeras vezes em que tentara convencer Gwendolyn a deixar os cabelos crescer. Porém, suas súplicas foram vãs. Determinada como o pai, Gwendolyn atestara já na infância que cabelos longos eram um aborrecimento. Além disso, não queria ser uma réplica exata da irmã gêmea, Anora. Um sorriso radiante do pai sempre encerrava a discussão, e Gwendolyn, mais uma vez, obtinha o que queria. Lady Bronwen receava que Godric tivesse mimado demais a filha. O incidente daquela noite era prova cabal.

Era difícil acreditar que tantos anos haviam se passado, e tão depressa, ela pensou, ao refletir acerca dos dezoito anos de casamento com o conde Godric. Da união, nasceram filhas gêmeas, que acabavam de completar dezessete anos, e um filho morrera no parto. O belo rosto de lady Bronwen se entristeceu. Ainda sentia a dor da perda do menino, um sofrimento que carregava desde a morte do bebê.

No entanto, foi o marido, privado de seu único filho varão, que se empolgara ao notar o interesse precoce de Gwendolyn por atividades masculinas como montar, caçar e manejar arco e flecha. Ele a encorajara, e em pouco tempo ela

se tornara proficiente em todas. A competência e precisão de Gwendolyn com pequenas armas, especialmente facas, eram notórias. Chegara a acompanhar o pai em caçadas a javalis e encontrara puro deleite no perigoso esporte. Nunca mostrara um pingo de medo.

Sempre devotado, o conde Godric permitira que Gwendolyn usasse trajes masculinos, feitos sob medida para o corpo esguio. Ela os aceitara, feliz pelos movimentos livres que as camisas de algodão e as calças proporcionavam. Desde então, lady Bronwen vinha lutando para que Gwendolyn vestisse a túnica e o manto adequado às damas.

— Por isso Gwendolyn é tão rebelde — murmurou, resignada.

Encontrar um marido para a filha intrépida e impetuosa seria uma façanha. Ele teria de ser forte a fim de domá-la, porém, sábio o suficiente para não reprimir o espírito ousado da jovem. Existiria um homem com tais qualidades?

Uma suave batida à porta a despertou. Quando olhou para trás, avistou Anora.

— Entre, meu amor.

Em silêncio, Anora entrou no quarto com expressão apreensiva.

— Ela está bem?

— Está — lady Bronwen respondeu, notando a ansiedade cintilar nos olhos verdes da filha.

— Eu posso ficar com ela, mamãe?

— Não, Anora. Acho melhor Leah ficar com ela esta noite. Já mandei buscá-la. — Vendo a frustração da filha, prosseguiu: — Amanhã será um longo dia para você, Anora, por isso, precisa descansar. Sei que quer estar bonita para receber Wulfgar.

Lady Bronwen sorriu ao ver a filha corar. Não havia dúvidas de que a filha seria a mulher mais linda no banquete de noivado... com uma única exceção, pensou, olhando para o reflexo de Gwendolyn adormecida através do espelho. Juntas, suas filhas gêmeas irradiavam luz e beleza em igual intensidade.

— Tem razão, mamãe. Boa noite. — Anora beijou o rosto da mãe e lady Bronwen virou-se para sair no momento em que Leah entrou no quarto. — Boa noite, Leah.

— Também precisa descansar, milady — disse Leah, tendo escutado a conversa.

Ela se aproximou da cama e meneou a cabeça. Em que tipo de confusão aquela moça havia se metido?

— Leah, não devemos fazer julgamentos — alertou lady Bronwen, parecendo ler o pensamento da criada.

Fazia tantos anos que Leah estava na família que se via no direito de dizer o que pensava, especialmente no que se referia a Gwendolyn.

— Poderia passar a noite com ela? Eu gostaria de ficar, mas ainda há muitas pendências para o banquete de amanhã.

— Não se preocupe, milady. Ficarei com a menina — Leah assegurou. — E, por favor, vá descansar, milady — repetiu, ao reparar no rosto abatido de sua senhora.

Assentindo, lady Bronwen beijou a testa fria da filha e se levantou.

— Gwendolyn me parece bem... mas se ela me chamar ou tiver febre...

— Eu a acordarei, se houver necessidade, milady.

— Está bem. Boa noite, Leah, e obrigada. — Ela olhou com gratidão para a criada.

Ao se aproximar da porta, lady Bronwen não se surpreendeu ao ver o vulto do conde Godric na soleira. Caminhou até ele, segurou-lhe o braço e, através dos olhos luminosos, disse o que ele precisava saber. O alívio foi imediato. Após olharem novamente a filha adormecida, eles desceram juntos.